

Uma mulher desaparecida em São Paulo. Um homem à sua procura. Os labirintos da metrópole. Os vilões, os heróis anônimos. Guarnieri (foto) vai mostrar São Paulo na tevê. Página 3

Duas estréias: Mautner (foto) e Nelson Brissac Peixoto. Página 2

DF música
A mais nova safra de roqueiros do Planalto já está afiando as guitarras para subir ao palco e mostrar a que veio. Na bagagem, trazem

um passado de altos e baixos e o carimbo da capital do rock no país do samba.

Elaina Daher
de Brasília

Pras bandas de Brasília

Em uma crônica da época de sua primeira visita à nova capital, Clarice Lispector escreveu: "Por enquanto, em Brasília, não há samba". Quase três décadas depois, a cidade floresce em sua musicalidade, mostrando para o País um outro estilo: o rock brasiliense. Em Brasília há hoje mais de 300 bandas catalogadas pela Fundação Cultural. Em apenas um prédio, o Edifício Brasília Rádio Center, na Asa Norte da cidade, mais de 50 delas ensaiam, como anos atrás ensaiava a Legião Urbana, um dos primeiros grupos a fazer sucesso. Ligando as antenas, o próprio governador do Distrito Federal, José Aparecido, decretou: "Brasília é a capital do rock". Mas para aquela que foi a capital dos anos negros, ainda recentes na memória, ser "capital do rock" diz pouco.

Pouco, principalmente para a juventude que cresceu lá e hoje ensaia madrugada adentro com um astral que o produtor da Rádio Nacional FM, Paulo Pestana, define como "abnegação religiosa". É ele quem diz: "Vida de roqueiro não é tão boa quanto pinta na revista *Contigo*". Em Brasília não é mesmo. Com o estouro de tantas bandas, a concorrência agride. O jeito é se aperfeiçoar. Ou, como diz o vocalista e letrista do Terceiro Ato, Carlos Magno, "fazer música é tão chato quanto ir à UnB fazer medicina". Por isso, os componentes do seu grupo, "velhos" entre 16 e 22 anos (o Hayrtinho, da Ver De Nylon, tem 13 e é pouco maior que sua guitarra), têm enorme preocupação com a formação musical, tanto teórica quanto prática. Não são exceção. É o Hayrtinho quem dispara a crítica contra o padrão de qualidade geral: "O pessoal fica sempre em compasso par".

O Terceiro Ato e o Ver De Nylon não são exceção mas também não são a regra. Cristina Natural, do restaurante Bom Demais (que abre um espaço para os roqueiros toda a segunda-feira), comenta que poucas bandas sacaram o que é qualidade. Ela dá um destaque às letras ("São da pesada") mas põe o dedo num paradoxo: na sua opinião, os mesmos jovens que compõem músicas superirreverentes mantêm um comportamento subversivo. Dessa safra, diz ela, vai sair muito músico bom. Mas picaretagem também não falta.

O maestro e compositor Marlos Nobre, recém-instalado em Brasília, concorda que hoje o rock faz parte do *modus vivendi* da cidade, mas se irrita com o que chama de primarismo musical: "recursos elementares, coisinhas de música e macetes musicais que, com uma melodia agressiva, dá pra passar". Mas o maestro tem fé. Aponta a existência de grupos "muito bons", como o Arte no Escuro e o Zamba, e acredita que com um pouco mais de estrada os jovens irão abrir a cabeça para os sons do choro, do samba e do baião. "Como a maioria das coisas, a maioria das bandas é muito ruim", diz Paulo Pestana, o produtor da Rádio Nacional FM. E aponta as suas melhores: Os Culpados e Pânico. De passagem, cita um grupo polêmico: os Marcianos Sodomitas. A Nacional FM apresenta um programa todos os sábados, às 18h, que toca somente música de Brasília — o *Toca, Brasília* — utilizando fitas de demonstração. "É a função social do rádio", desabafa Pestana. "Nosso INPS".

O microempresário Isnaldo Lacerda — um dos maiores incentivadores do rock nativo até pouco tempo — também anda meio saturado com a proliferação das bandas. "Não vejo ninguém de quem se possa dizer: agora está bom." Para ele, a única coisa que deseja é prensar um disco do grupo Akneton, que já foi gravado, mas anda sem verba para a prensagem. Mas o roqueiro Renato Russo, da pioneira Legião Urbana, não vê crise no rock brasiliense. Acha, apenas, que a novidade passou, e só algumas bandas irão atingir o limitado público de rock nacional. Ele fez o que pôde. Em 1985, quando a Legião gravou seu primeiro disco, Renato — considerado um dos bons letristas do Brasil — repetia um sem-número de vezes a palavra Brasília em cada uma das entrevistas que lhe pediam. "Brasília não era respeitada em termos de mídia", comenta Renato dizendo que, na época, as pessoas se surpreendiam ao descobrir que havia vida inteligente no Planalto.

"A gente se ajudava. Era rato de jornal", lembra Renato contando que no finzinho de 1970

ninguém tinha equipamento completo e todos se ajudavam. "Hoje toda banda se acha a melhor e disputa na pesada." A história do roqueiro Renato Russo começou diferente da que corre hoje com o pessoal que esta pintando. No seu caso, ele e um grupo de amigos formaram um conjunto sem nenhuma pretensão profissional. "Tocávamos por diversão. Mesmo porque o tipo de música que fazíamos ninguém queria ouvir." Renato nega também que tenha exercido alguma forma de liderança absoluta no movimento. Diz que a paternidade do rock brasiliense pode ser dividida entre um grupo muito grande de pessoas, filhas da Aborto Elétrico e Blitz.

A Blitz a que se refere Renato surgiu no Planalto antes da Blitz carioca, junto com Aborto Elétrico e no rastro da Sol da Meia-Noite, Porão, Tela e Manto. Seu berço foi a Colina — nome do prédio da Unb destinado à residência dos professores —, onde começou o fenômeno do rock local, atraindo um grupo de universitários. Renato Manfredin, aliás Renato Russo, era um deles. Pipocaram a Legião Urbana, a Capital Inicial, a Plebe Rude e a Elite Sofisticada, funcionando meio como uma tribo no auxílio e no socorro. Depois vieram a Finis Africae, a Detrito Federal e a Escola de Escândalo que, junto com a veterana Elite Sofisticada, gravaram o disco *Rumores* financiado pelo microempresário Isnaldo Lacerda. Sucesso absoluto mas efêmero. As grandes gravadoras se interessaram pelo rock de Brasília, chegaram a contratar alguns grupos e, depois de algum tempo, os contratos foram rescindidos.

A rebordosa não diminuiu a agitação musical. Novas bandas apareceram, como a Obina Shok e a Arte no Escuro (que deve lançar disco este mês, pela Odeon). A Obina era formada por três brasileiros e três estrangeiros (filhos do embaixador do Senegal) que fundiram o reggae e o rock e, depois de um show em Brasília e outro na Urca, no Rio, gravaram um disco pela RCA. Na ocasião, comentou-se, os brasileiros tomaram um "chá de desprezo", e hoje "ninguém sabe o que a Obina virou". Os brasileiros rejeitados juntaram-se a outros músicos e formaram o Zampa, um dos conjuntos mais promissores de Brasília. Promissor segundo os especialistas, também é a Fama, um grupo de São Paulo que se transferiu para o Planalto por acreditar que é ali que acontecem as coisas. E há também o Akneton, o único grupo que ainda inspira Isnaldo Lacerda e busca inspiração na ficção espacial e no misticismo.

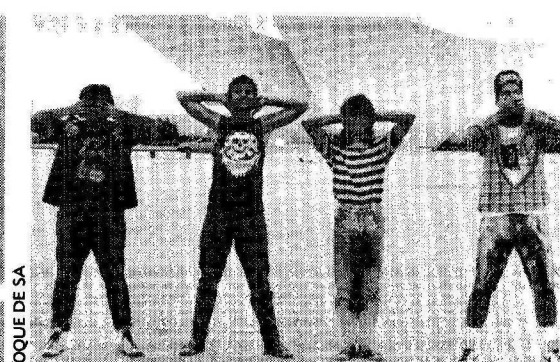
Segundo Celso Araújo, vocalista do Akneton, "o que falta aqui é loucura. Não loucura-besteiro, mas paixão, tesão e emoção". Celso acredita que, ao pisar num palco, incorpora várias entidades e a visão crítica do que se passa tem um preço. "Se você estica seu horizonte, causa espanto." Já Carlos Magno, do Terceiro Ato, procura fazer música entre o filosófico e o engraçado: "A rebeldia do rock caiu muito na mesmice". E Podrão, do BSBH — Brasília Horror — afirma que a proposta do grupo do qual é vocalista é fazer um rock o mais puro possível: "O que está aí não está agradando ninguém".

Piolho, o baixo do Brasília Horror, vai mais longe. Na sua opinião, não há mais espaço para a originalidade. "Existem pelo menos dez bandas imitando a Legião Urbana, e outras dez imitando o RPM." Entre a crítica especializada ainda têm boa aceitação os grupos Heróis do Dia, Cinco Gerais, Tonton Macoute e Konsomskaya.

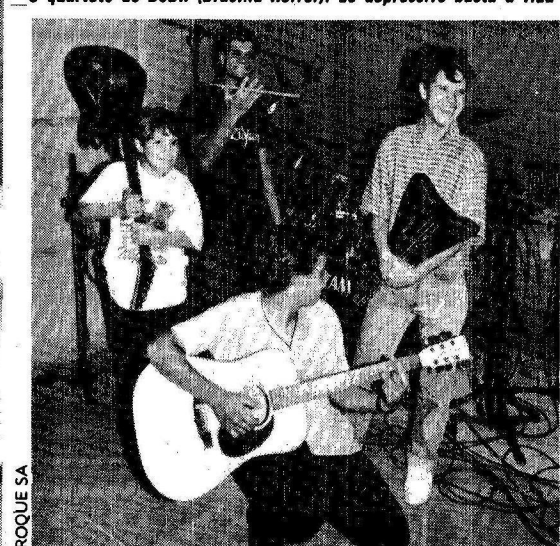
Em Brasília, todos cavam seu espaço com a mesma garra. De qualquer modo, os fantasmas rondam. Vários espaços foram fechados: o teatro Galpãozinho (onde, todas as segundas-feiras, havia show de rock) está interditado. O Circo Show foi demolido, e o concerto Cabeças — que reunia milhares de jovens no primeiro domingo de cada mês — já não acontece mais no Parque da Cidade. Para alguns, a identidade musical da cidade com o rock não passa de uma lenda criada pela genialidade de Renato Russo, ajudado por Herbert Viana, do Paralamas do Sucesso. Uma coisa porém é certa: se hoje há tanta gente fazendo rock em Brasília é porque o ritmo tem a ver com a cidade. Nem que seja por osmose. E Brasília, como disse Clarice Lispector, ainda não deu samba. Só rock. Da pesada.



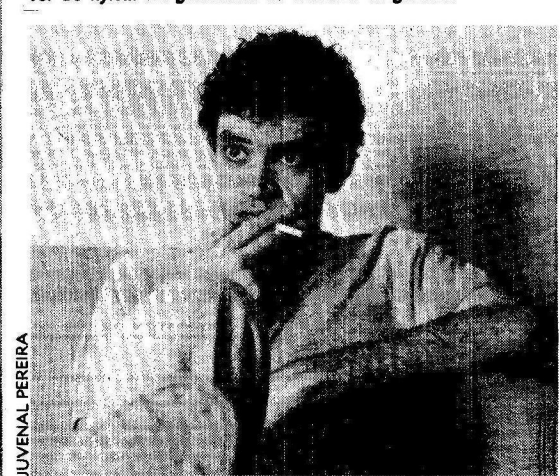
Celso Araújo, vocalista do Akneton: horizontes esticados no rock modêrno.



O quarteto do BSBH (Brasília Horror): de depressivo hasta a vida



Ver De Nylon: um guitarrista do tamanho da guitarra



Renato Russo, da Legião Urbana: veterano pianista

AKNETON
a anta
que país esculhambado, que governo incompetente
todo incompetente será denunciado
não reclama, não adianta
você é uma anta angustiada
se pelo menos as nuvens fossem ondas
e se os mares subissem pro planalto
ela viria oh venus atômica
voar comigo sobre grandes alturas
não perturbe, animais na pista
você é uma anta e não me conquista
os rifles estão voltados para o pantanal
não há nenhuma espécie por sobreviver
foi decretada a temporada de caças
todos podem atirar à vontade
não mire, não dispare, não aperte o gatilho
ah tapir, tapia, tapuia
oh tremendo tremembé
eu junto a anta que há em você
defenda a anta que há em você
liberte a anta que há em você
eu amo a anta que há em você

Letra da música A Anta, do grupo Akneton: animais na pista